

Manuel Bandeira

Maria Aparecida Baccega

Livre-docente aposentada da USP, professora de pós-graduação da ECA-USP e da ESPM-SP, editora dos Cadernos de Pesquisa da ESPM-SP, coordenadora adjunta

do Núcleo de Pesquisa Comunicação e Práticas de Consumo – ESPM-SP.

E-mail: mabga@usp.br

... o sol tão claro lá fora, o sol tão claro, Esmeralda,
e em minhalma – anoitecendo.

Rondó dos Cavalinhos

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife em 19 de abril de 1886, filho de Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro de Souza Bandeira. Ele viveu em muitos lugares: em 1890, a família se transfere para o Rio de Janeiro e, em seguida, para Santos (SP); volta ao Rio e, em 1892, retorna a Pernambuco. Aí se inicia sua formação escolar. Mas não por muito, pois, em 1896, novamente se muda para o Rio de Janeiro, onde estuda no Colégio Pedro II.

Em 1903 a família vai para São Paulo, e Bandeira se matricula na Escola Politécnica, pretendendo tornar-se arquiteto, além de estudar desenho e pintura com Domenico Rossi no Liceu de Artes e Ofícios e trabalhar nos escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana. No final de 1904, descobre que está tuberculoso, abandona todas as atividades e volta para o Rio. Passou grande parte de sua vida em clínicas de saúde, em várias cidades: Campanha, Teresópolis, Maranguape, Uruquê, Quixeramobim. Vai também para a Suíça, em 1913, a fim de se tratar no Sanatório de Clavadel, de onde volta em 1914, devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Em 1917 publica seu primeiro livro: *A Cinza das Horas*, numa edição de 200 exemplares custeada pelo autor. Este livro merece um artigo elogioso de João Ribeiro. Em 1919 publica seu segundo livro, *Carnaval*, também custeado pelo autor. Novamente João Ribeiro escreve elogiando o livro. Em 1921 conhece Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Osvaldo Orico e, em 1926, Carlos Drummond de Andrade, em Minas Gerais.

Seu poema “Os Sapos”, de *Carnaval*, foi lido na Semana de Arte Moderna, embora o poeta não estivesse presente. Publica, em 1924, o livro *Poesias*, que reúne *A Cinza das Horas*, *Carnaval* e um livro novo: *O Ritmo Dissoluto*, e, em 1930, *Libertinagem*. Ambas as edições custeadas pelo autor.

Em 1935 é nomeado inspetor de ensino secundário, por Gustavo Capanema, Ministro da Educação, e em 1938 é designado professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publica *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* e *Guia de Ouro Preto*.

Em 1940 é eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Luís Guimarães Filho, e publica *Poesias Completas*, com a inclusão da *Lira dos Cinqüent'Anos*, custeada também pelo autor.

Começa a fazer crítica de artes plásticas em *A Manhã*, em 1941, no Rio de Janeiro. Em 1943 deixa o Colégio Pedro II e é nomeado professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia, onde permanece até a aposentadoria compulsória.

Depois de publicar várias obras, escrever para jornais, além de outras atividades, comemora 80 anos, em 1966, sendo alvo de muitas homenagens. A Editora José Olympio realiza em sua sede uma festa de que participam mais de mil pessoas e são lançados os volumes *Estrela da Vida Inteira* (poesias completas e traduções de poesia) e *Andorinha, Andorinha* (seleção de textos em prosa, organizada por Carlos Drummond de Andrade). Finalmente consegue comprar uma casa: em Teresópolis, a única de sua propriedade ao longo de toda a vida.

Morre no dia 13 de outubro de 1968. Foi sepultado no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Publicou poesia, prosa, antologias, além de obras em conjunto. Fez também seleção e organização de poemas de vários autores. Um CD com seus poemas foi gravado por Lauro Moreira, tendo como fundo musical peças de Camargo Guarnieri interpretadas pelo pianista Belkiss Carneiro Mendonça, em 2005.

Existem várias obras sobre o autor, entre as quais *Bandeira a vida inteira* (Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1986), com um disco contendo poemas lidos por ele. Além de diversos *sites*, dentre os quais indicamos <http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp>, consultado em 8 de fevereiro de 2006 e de onde selecionamos alguns poemas: <http://www.releituras.com/mbandeira_menu.asp>.

CARTAS DO MEU AVÔ

A tarde cai, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.
E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.
Enternecido sorrio
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velhinhos,
Quando o fogo era já frio.
Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,

E sem saber o que peça.
Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...
A mãe pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.
A paixão, medrosa dantes,
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.
Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.
E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que ainda verde apodreceu.
O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...
E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.
E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

TRÊS IDADES

A vez primeira que te vi,
Era eu menino e tu menina.
Sorria tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina...
Ao ver-te, a rir numa gaivota,
Meu coração entristeceu.

Por quê! Relembro, nota a nota,
Essa ária como enterneceu
O meu olhar cheio do teu.
Quando te vi segunda vez,
Já eras moça, e com que encanto
A adolescência em ti se fez!
Flor e botão... Sorrias tanto...
E o teu sorriso foi meu pranto...
Já eras moça... Eu, um menino...
Como contar-te o que passei!
Seguiste alegre o teu destino...
Em pobres versos te chorei.
Teu caro nome abençoei.
Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...
Quanta mudança o tempo traz
E sua atroz monotonia!
Que é do teu riso de alegria!
Foi cruel o teu desgosto.
Essa tristeza é que mo diz...
Ele marcou sobre o teu rosto
A imperecível cicatriz:
És triste até quando sorris...
Porém teu vulto conservou
A mesma graça ingênua e fina...
A desventura te afeiçãoou
À tua imagem de menina.
E estás delgada, estás franzina...

MENINOS CARVOEIROS

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade
– Eh, carvoeiro!
E vão tocando os animais com um relho enorme.
Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.
(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe,
dobrando-se com um gemido.)
– Eh, carvoeiro!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
– Eh, carvoeiro!
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!

NOITE MORTA

Noite morta.
Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.
Ninguém passa na estrada.
Nem um bêbado.
No entanto há seguramente por ela uma procissão de sombras.
Sombras de todos os que passaram.
Os que ainda vivem e os que já morreram.
O córrego chora.
A voz da noite...
(Não desta noite, mas de outra maior)

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
terei a mulher que eu quero
na cama que escolherei
vou-me embora pra Pasárgada.

TOADA

Fui sempre um homem alegre.
Mas depois que tu partiste,
Perdi de todo a alegria:
Fiquei triste, triste, triste.
Nunca dantes me sentira
Tão desinfeliz assim:
É que ando dentro da vida
Sem vida dentro de mim.

POEMA

A noite é bela:
Assim os olhos do meu povo.
As estrelas são belas:
Belas são também as almas do meu povo
Belo é também o sol.
Belas são também as almas do meu povo¹.

1 Os poemas foram retirados de BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1970.